



X.

*Cónego Bernardo Chouzal*

---

D. Manuel Baptista da Cunha

---



ARCEBISPO PRIMÁS




Oração fúnebre proferida nas  
exéquias celebradas na Basílica  
Primacial de Braga em 19 de  
maio e na matriz de Viana do  
Castelo em 16 de maio, de 1913.



DEPOSITÁRIOS  
CRUZ & COMP.<sup>a</sup>

RUA NOVA DE SOUZA — BRAGA





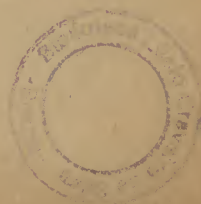
Oração fúnebre proferida nas  
exéquias celebradas na Basi-  
lica Primacial de Braga em  
19 de maio e na Matriz de Via-  
na do Castelo em 16 de maio  
de 1913.

Biblioteca Lúcio  
Craveiro da Silva

Oferta

481230

2021-05-04



(Com permissão da Auctoridade Ecclesiastica)









CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA  
CULTURA  
ARQUIVO MUNICIPAL  
Registo: 70 83-A Data 19 10 5 2008

X.

Cónego Bernardo Chouzal

D. Manuel Baptista da Cunha



ARCEBISPO PRIMÁS



Oração fúnebre proferida nas  
exéquias celebradas na Basílica  
Primacial de Braga em 19 de  
maio e na matriz de Viana do  
Castelo em 16 de maio, de 1913.

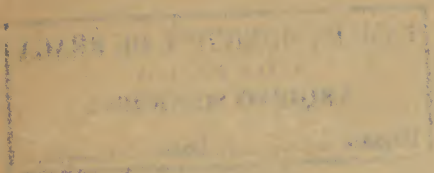


DEPOSITÁRIOS

CRUZ & COMP.<sup>a</sup>

RUA NOVA DE SOUZA—BRAGA





---

Typographia a vapor do P. Villela & Irmão

83, R. dos Martyres da Republica, 91

(Antiga Rua da Ramha)

BRAGA



Ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhôr

*Dom Augusto Eduardo Nunes*

Arcebispo de Evora

*grata homenagem do*

*autôr.*

## Declaração

*Publica-se este trabalho oratório, sem alterações, tal como foi recitado, a não ser o que consta duma nota. As dúvidas que haja dissipam-se pelo confronto com o original em posse da tipografia que o imprimiu e franqueado a quem o reclame,*

O autôr.



EX.<sup>mos</sup> E REV.<sup>mos</sup> SENHÔRES (1)

*Et iste quidem hoc modo vita decessit non solum juvenibus, sed et universae genti memoriam mortis suae, ad exemplum virtutis et fortitudinis derelinquens.*

E morreu deixando a todos para viva lembrança da sua morte, a constância com que se portou e o exemplo das virtudes que seguiu.

(LIV. II DOS MACABEUS VI, 31).

O texto sagrado exaltando a memória de Eleázar, veneravel doutor da lei de Israel, cala os feitos da sua vida ilustre e edificante para só nos inculcar o exemplo heroico da sua morte santa. E criteriosamente andou o escritôr sagrado.

Quando a morte tem o condão de bem sintetizar uma vida inteira, sendo-lhe não só condigno remate como tambem eloqüente traslado, desnecessário se torna rememorar prístinos e luzidos feitos visto que o epílogo á maravilha os substancia e com precisão os traduz.

Quando assim não succede e a morte seja uma traição feita á vida, um contrasenso lançado ao passado, ela é então uma mácula a deslustrar uma existência inteira, uma reabilitação a glorificar uma creatura que viveu na miséria e se arastou na ignomínia.

Nestes casos a morte é uma anomalia, um factô esporádico ante os rigôres da crítica e os juizos insondaveis de Deus.

Uma vida que desliza serena e reta como um traço de luz, que caminha inflexivel e regular como astro em sua trajetória, sem transvios ou desfalecimentos, que sabe o que quer, com o que pode contar e para onde vae, tomae-lhe os

---

(1) Arcebispo-bispo da Guarda, bispo do Porto e bispo de Lamego.

extremos e logo lhe conhecereis o curso; o que o berço dá e o que o túmulo leva nos bastam para compôr, afeiçoar e reconstruir uma obra que fica nos depósitos da história e sobe para os imperscrutáveis designios do Senhôr que tudo julga. Os que vivem para a morte e morrem para viver a immortalidade assim costumam ser.

Assim foi e assim fez o Ex.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Senhôr D. Manuel Baptista da Cunha, Arcebispo Primás e Senhôr de Braga, que a divina justiça levou para o seu tribunal e a infinita misericórdia de Deus acolheu desde logo em seu amorôso seio.

O fúnebre elogio de tão sábio como virtuôso Prelado, quis a Providência que ele próprio o fizesse no exemplo edificador da sua morte, espelho duma vida trabalhada pela santidade, termo duma carreira descrita nos zelos da causa santa de Deus e sua Igreja, em promover a felicidade da vasta grei confiada ao seu pastoreamento, em cumprir o elevado munus da sucessão Apostólica e em honrar as tradições gloriosas da Igreja Bracarense sempre ocupada por bispos mui timbrosos no negócio da salvação das almas e nos legítimos interesses das christandades confiadas á sua guarda; bispos em quem não foram inanes as lições do Colégio Apostólico e que em seus árduos e até por vezes martirizantes labôres amaneirando iam a igreja bracarense em mimoso alfombrado de santidade e em potente reduto de, por vezes, acrisolado patriotismo.

As gloriosas tradições da cátedra de S. Pedro de Rates, nem desmerecidas nem deslustradas foram com o pontificado do Snr. D. Manuel Baptista da Cunha que se houve com prudência em difíceis aperturas, que se mostrou tolerante ou intransigente nas circunstâncias que assim o reclamavam que com resignação cristã sempre era pronto em acolher os revêzes da sorte que com cruel madrastia empenhada se tem mostrado em infelicitar o nosso colégio episcopal tão veneravel como illustre.

Aprestado e disposto para o desempenho do seu munus episcopal em as terras de Coura, pela festa solenissima de Pentecostes, abruptamente o colheu a doença que violenta e

cruel o prostrou alfim não sem que a contrição sincera primeiro lhe sacudisse o peito e movesse os lábios, Maria Virgem ouvisse e atendesse a sua derradeira saúdação e súplica e a Augustíssima Trindade o couraçasse de abundantes graças para o perigo imminente da morte e para as caminhadas da eterna viagem.

Outras palavras não pôde articular a sua lingua e de so-bejo as ditas nos mostram e revelam o que sido tinha o seu passado e o que ia ser o seu futuro.

Trilhando só do Senhôr, os seus caminhos, só tambem nEle devia repousar afim de que prêmio e recompensa não faltassem a quem só lidado havia por merece-los.

Como o Eclesiástico que, consolando a Israel na morte de Simão, sumo sacerdote, o representa sacrificado, pela segurança de Judá, sustentando sempre intemeratamente, da sua parte, a casa do Senhor, até aos derradeiros instantes duna vida tão desfalecida com enfermiza, assim em nossas máguas alivio ha, com sabermos que o Venerando Antístite que ora pranteamos, zelou com energia os interesses da sua Igreja, e mui queixoso e triste era por ver a sua Sião aflita, chorosa e atribulada a sua Raquel. Porisso tambem o comparei no exercício da virtude, na paciência com que sempre se portou, e na humildade que tanto seguiu, ao velho Eleázar. Dele distanciado tão só na quantidade dos anos, soube comtudo avantajarse-lhe pelo muito que em apoucados tempos fez. *Consummatus in brevi, explevit tempora multa.* (Sabedoria, IV, 13).

E não recieis, senhores, que os artificiosos ornatos duma paixão desmedida me subornem para falar sem inteireza; as palavras de lisonja deshonram a quem as diz e ofendem a quem as ouve; a Fé se escandalizaria se a cátedra evangélica servisse para falseamentos da verdade; e o significado destes fúnebres obséquios me está ensinando que nos homens elevados aos mais eminentes empregos cabem elogios apenas pelo que são e nunca pelo que deviam ser.

E' com tais vistas e propositos com disposições de pouco agradar os homens para bem servir Deus, a Igreja, a verdade e a história que esboçarei o elogio fúnebre do Ex.<sup>mo</sup> Revd.<sup>mo</sup> Snr. D. Manuel B. da Cunha.



Nestas solenes exéquias realizadas para sufragar a alma do respeitavel e saudável Arcebispo, a mim confiastes, illustre comissão promotora, o honroso e difficil cargo de pregoar as virtudes do extinto e exprimir os sentimentos dos que lhe foram súbditos fieis, cooperadores dedicados e valiosos.

Eu vos agradeço com o devido penhôr, tão distinta incumbência, já que, de melhor aviso, a não declinei, pela pouquidão dos méritos, a exiguidade do tempo e os que fazeres vários do meu ministério para dignamente a cumprir.

Deus immortal!

Ajudae-me em assunto que além de importante é sobremaneira arriscado. O espirito da Igreja é o vosso mesmo Espirito. Na brandura com que tratastes os samaritanos e saduceus, ditastes sublimes regras para os Apóstolos e successores seus tratarem com mansidão os pecadores.

E, se o Prelado de que sentimos a morte, seguiu o caminho dos vossos conselhos, ensinae-me a falar dele como devo para que do seu fúnebre elogio se desentranhem motivos que elevem a Fé, comovam a Piedade e exaltem a Religião.

## SENHÔRES

Passado é o tempo em que os brazões da fidalguia e os privilégios da nobreza, eram condição essencial para a posse e fruição dos mais elevados cargos quer da hierarchia ecclesiástica quer do poder civil.

Cumulada de prerogativas e riquezas a Igreja pelos imperantes, todo o seu cuidado e empenho era em fazer delas um património quasi exclusivo, um feudo só hipotecado á bastardia realenga e aos nobres desherdados pela primogenitura.

E a corrupção das riquezas aliada a uma quasi geral cainhêza de méritos, e o despotismo civil conjugado com a subserviência de muitos grandes ecclesiásticos, não deram lustre á Igreja que mui arredada era por vezes e por causa dos seus homens, de promover a felicidade espiritual dos seus fieis. As lutas que surgiram eram mais consequência de interesses temporaes lesados que clamores para a vindicação de direitos ou justas para garantir o bracejamento de liberdades.

Diz-se que então grande era o poder e prestígio da Igreja. Assim não o julgo e considero eu. Grandeza temporal, não é sinónimo de glória espiritual. E demais, por um lado lhe davam o que por outro lhe tiravam; melhor fôra talvez, não conceder-lhe privilégios que muito redundaram em detrimento da sua missão; e cá na milícia de Christo a norma, a regra e o dever indeclinavel é lutar e até morrer com honra no campo, mas nunca baixar ao servilismo que degrada ou enveredar pelas transigência e cobardia que aviltam.

Jesus, os Apóstolos, o martirológio christão bem como o seu agiológio, nos mostram e nos dizem como devem proceder os paladinos duma causa e os membros duma sociedade que na renúncia dos bens e da vida e no amor ao trabalho e ao sacrificio, encontram a invencivel força para todas

as lutas e a mais eloqüente razão da própria existência. De tantas e quamanhas faltas passadas que recaiam as culpas sobre quem de facto, mas nunca sobre a Igreja que as fraquêzas e misérias dos homens não corrompem nem desvirtuam.

Hoje a civilização, bem distendida a egualdade, bem praticada a fraternidade e bem compreendida a liberdade, acepilha, brasona e canoniza o mérito próprio, trancando genealogias, cancelando privilégios, e atirando para as clareiras brilhantes e as elevadas culminancias da glória, o humilde e até o réprobo rehabilitado que, rotos preconceitos e superados obstáculos, mostraram ser, não só o recetáculo da imagem de Deus, como também herdeiros legítimos do seu gênio e audazes continuadores da sua obra.

Era esta a doutrina de Christo e da sua Igreja que feliz se sentiu e mais próspera se julgou quando bem a pôde praticar.

E hoje o Episcopado como nos primevos tempos é munus sublime e tremendo confiado a homens de singular e provado valor, recrutados tanto no alcaçar dos grandes como no tugúrio dos humildes. Sobe quem vale e vale quem acende bem no espírito a chama de luz eterna e atea vivamente no coração o fogo do amôr divino.

Se sempre assim tivesse sido, se o exemplo de Christo recrutando apóstolos entre humildes pescadores e aproveitando gênios como Paulo de Tarso, fosse praticado com mais frequência, eu creio bem que a Igreja teria por certo menos grandêza temporal e muito maior glória divina, porque sendo mais dos céus e menos da terra, menos acidentada lhe seria a marcha, mais copiosa e duradoira redundaria a messe.

O Snr. D. Manuel B. da Cunha teve mui dignos e honrados progenitôres, embora sem entroncamentos fidalgos nem residências solarengas.

Na casa de Paradella, do concelho de Águeda onde nasceu a 16 de abril de 1843, vivia-se na lei de Deus conhecida e praticada com devoção e acrisolamentos que imprimiram caráter em seu espírito juvenil e em seu tenro coração, de tal maneira que o seu maior empenho e cuidado consistiam sem-

pre em desenvolver as lições aprendidas no lar, em praticar os exemplos mostrados na família.

Com a prática das virtudes christãs, actos da mais edificante piedade e da mais acendrada devoção religiosa ia-se compondo e desenvolvendo a sua personalidade em que mui bem se delectavam já as tendências para a vida eclesiástica e até predestinação para largos futuros.

Na vida académica quer liceal quer universitária, os talentos que vicejavam peregrinos foram sempre ajudados pelo estudo feito com a mais conscienciosa e metódica aplicação. E se nas ciências teológicas ele praticou e aprendeu com fartos proveitos, mui versado e perito era tido nas ciências jurídicas. Graduado pela Universidade de Coimbra, com as mais lisongeiras e merecidas informações, ingressou no professorado, regendo ciências eclesiástica no seminário d'Aveiro e mais tarde no de Coimbra, sempre aliando, como dever é de todo o bom mestre, ás mais salutares lições da divina ciência os mais sólidos e luzidos exemplos das virtudes christãs.

O filho modelar, o académico distinto, o padre de irrepreensível porte e o professôr de abalisados e indiscutíveis créditos ia firmando uma larga reputação e dispondo assim terreno para mais elevado futuro.

Já como vigário geral da diocese d'Aveiro desde 1880 até á sua extinção, o futuro arcebispo de Braga deu sobejas provas de bem afinado senso e seguro critério na difficil e árdua tarefa de reger e apascentar as ovelhas da grei christã.

Como vigário geral do Patriarcado e já então arcebispo de Mitylene *in partibus*, tão profícua ia sendo a sua ação no meio da diocese portuguesa mais difficil de pastorear, com mão tão doce e firme se houve por vezes no espinhoso governo espiritual do Patriarcado que para todos era longe e fóra de dúvidas estar ali um futuro e bem digno Prelado diocesano, um bispo bem treinado nas lides preparatórias de tal munus e aparelhado com todos os requisitos indispensáveis ao bom desempenho de tão elevado cargo.

Apresentado pela Côroa no Arcebispado de Braga a 3 de fevereiro de 1899, preconizado pela Santa Sé a 19 de junho do mesmo ano, a ninguem surpreenderam taes determi-



nações, porque justiça era feita ao Snr. D. Manuel B. da Cunha investindo-o no elevado cargo de Arcebispo Primás e Senhôr de Braga.

Não eram diminuidas nem apoucadas no Snr. D. Manuel, as virtudes e primores que exornaram os 121 Prelados que o antecederam na cadeira primacial bracarense.

O successor do bondosíssimo D. Antonio Honorato, houve-se de modo tal que sem esquecer as virtudes deste, de conjunto exerceu as que mais peculiares a si eram e mais convenientes julgou ao bom governo da sua Archidiocese, ao prestígio do seu cargo e ao legitimo amôr próprio do seu nome virtuoso e honrado.

O seu Pontificado não foi em verdade glorioso e signalado com os de D. Fr. Bartolomeu dos Martires e D. Fr. Caetano Brandão. Bispos providenciaes e singulares, era-lhes signo, realizarem obra que os immortalizasse, segundo as condições do seu tempo e a situação da Igreja em taes épocas.

Mas o Snr. D. Manuel houve-se no governo da sua archidiocese, com indiscutivel acerto, timbrou sempre em cumprir os seus deveres, o que nestes tempos relaxos merece louvores, illustrou a sua carreira episcopal com feitos memoráveis e se a doença não andasse apostada em lhe abater as energias e depauperar o organismo, eu creio bem firmemente que mais luzidas glórias esmaltariam ainda o seu Pontificado curto em anos, mas longo em benefícios.

Na visita *ad sacra limina* em 1900, ouviu e aproveitou do Supremo Hierarcha da Igreja, o imortal Leão XIII, conselhos e incitamentos para proficuamente se afirmar no governo da sua archidiocese.

Especiaes cuidados lhe mereceu sempre o Seminário, desenvolvendo e aperfeiçoando o estudo d'algumas disciplinas, recrutando e alistando um bom professorado, pondo o mais vivo interesse na criação, aproveitamento e cultura das vocações para o estado sacerdotal, amanhando-o muito de perto e diretamente qual florido canteiro em que vicejamentos tinham as suas mais radiosas e prometedoras esperanças.

Justiça, proteção e benevolência, sempre nele encontrou o seu clero que guiava e corrigia com o bom conselho e a



paterna admoestação mais do que com penalidades, mesmo quando merecidas podiam ser.

Difícil senão até impossivel lhe era satisfazer todas as vontades, atender todas as reclamações e ouvir todos os queixumes por maior que fôsse a justiça das causas a ele levadas.

O sistema e prática de relações entre o estado e a Igreja, o processo e abusões no provimento dos beneficios vagos, as sugestões, as inevitaveis sugestões que por variados processos e com multiplos fins, são levadas sempre ao ânimo de todos os que mandam e governam, se por vezes fizeram com que o procedimento do saúdoso arcebispo não conquistasse unânime agrado, era comtudo mui tranquilo na consciencia, visto que do íntimo nunca lhe saiu o causamento de males e só de remédios buscava prover a falta involuntariamente cometida. Era bondoso e acessivel o Snr. Arcebispo; e as grandes virtudes nos superiores, acirram muitas vezes ruins instintos e maus propósitos nos súbditos. Na debatida questão das pensões ao clero é de todos bem sabido que na remoção do escândalo topado pela Santa Sé na aceitação delas, deixada ao prudente arbítrio de cada bispo, o Snr. D. Manuel ia sendo benévolo e temporizador, tanto que, estranhezas ia causando copiosos sequazes ter e manter o alevantado exemplo da sua renúncia na pastoral coletiva. Justificação se encontrou por certo na pensão por uns accéite que outros preferiram regeitar.

E ainda bem que assim foi para honra de todo o clero português e prestígio da Igreja cathólica. A bondade do Snr. Arcebispo afirmou-se com eloquência; a sua justiça muitos, que não eu, a discutiam.

Se a politica não entrasse tanto pelos domínios da Igreja e se nós padres não fôssemos por vezes mais apaixonados pelos interesses partidários do que pelos interesses da nossa missão sacerdotal; se nós andássemos mais subordinados aos Bispos e menos enfeudados ao *cacique* (vá o termo já consagrado); se nos preocupassem um pouco mais as faltas da nossa vida e fôssemos um pouco mais desprendidos de ambições desmedidas;—eu creio, e não me engano, que o Snr. D. Manuel B. da Cunha teria para muitos de nós e por-

tanto para todos um conceito merecidamente muito mais elevado, como mais elevado e simpático seria o conceito que ele de nós faria e portanto mais pronta e segura a justiça e benevolência com que nos atendesse. (1)

Logo depois do seu regresso da capital do mundo católico, inicia a visita pastoral á sua vasta archidiocese, percorrendo-a na sua maior parte, indo a muitos logares de difficil e molesto acesso, só tentado por D. Fr. Caetano Brandão e B. dos Martires e a outros, como o santuário da Peneda, ainda não honrados com a visita de Prelados bracarenses.

E largos proveitos e abundantes frutos, tanto para os fieis como para o clero redundaram da sua visita pastoral que as funestas consequências de grave enfermidade e os sucesos políticos causados na vida da nação lhe não deixaram concluir.

As festas jubilares da Imaculada em 1904 foram por certo o supremo lustre do seu episcopado. A cidade dos Arcebispos, a Roma portuguesa, decretou e tributou á Virgem sem mácula, uma das mais solenes e deslumbradoras apoteoses que lhe rendeu o orbe cathólico; equalada seria, excedida não é para crêr. Nos fastos da Igreja bracarense elas figuram como a mais eloqüente e sentida manifestação de fé e patriotismo que cathólicos e portugueses á compita prestaram á Mãe de Deus e dos homens, á Rainha dos céus e da terra; e letras d'ouro hão de lembrar á posteridade o nome do venerando Antistite que com tanto entusiasmo as promoveu e com singular fervor a elas presidiu. Nas festas jubilares de Guimarães com devoção que não olhava a sacrificios, muito se esforçou o bondoso Arcebispo, por que elas fossem condigno remate, como realmente foram, dos cultos Marianos na sua importante Archidiocese.

Caridade a preceito a exercia ele em avantajada cópia em Braga e em toda a sua christandade, lamentando-se de

---

(1) Por culpa da memória não foi recitado este periodo que começa — Se a política . . .

mais não ter, para mais dar, recatadamente, sem sombra de ostentação e com real proficuidade.

Mui zeloso sempre foi o Snr. Arcebispo em cuidar do seu povo e em o livrar da perdição, acautelando-o das vias da iniquidade e extirpando os danosos escalrachos do vício.

Nas suas pastoraes como em todas as suas púbricas ou privadas determinações, ardia um verdadeiro zelo apostólico e um aferrado apêgo á disciplina, lidando com afinco em promover a salvação das almas e o levantamento do seu clero.

Sucessor dos Apóstolos e obreiro do Evangelho, a graça do seu ministério o consagrou para funções laboriosas; instruindo ou edificando, contribuiu quanto soube e pôde, e muito tez, para a salvação do rebanho confiado ao seu disvelo; por muito que males e pecados se acumulem e compliquem para com denodo moverem guerra á religião de J. Christo, ele sempre soube com moderação e prudência, com firmeza e energia, defender a herança do Senhor, fazendo da paciência arma poderosa para vingar a causa da Igreja. E se quem se arisca na causa de Deus, pela Misericórdia do mesmo Senhor é defendido e salvo, ele bem sabia que no crescimento dos trabalhos e no redobramento dos perigos aparece a mão que já amparou a Pedro quando ia submergindo na profundidade das aguas.

Alheia e superior a regimes ou formas de governo, se deve mostrar, como de facto, e manter sempre a Igreja. O seu fim essencial é a eterna salvação de cada um de nós; é portanto um fim individual, concreto; ao passo que a sociedade ou melhor os fenomenos sociaes não são um quid concreto, mas rigorosamente abstrato.

Os fenomenos sociaes são para ela secundários, indifferentes. Só de ricochête e não directamente os atinge. E a não ser que eles se entrecchoquem com o Evangelho, a Igreja tudo aceita e a tudo se adapta. O progresso moral, ou individual primeiro, depois o progresso social; ou melhor, o progresso social não é mais que uma resultante da multiplicação de progressos moraes.

A Igreja constituindo pela sua moral a dignidade do homem, temperando o poder pelo sentimento da responsabilidade, limitando direitos pela intimação de deveres, fornece aos povos substruções de incomparavel solidez.

Os elementos componentes e permanentes da verdadeira civilização, da Igreja lhe vem; o progresso accidental, os destinos terrestres, não os entrava, embora os procure nortear pelo ideal christão, radicando-o na consciência individual. Monarquias ou repúblicas valem o mesmo para a Igreja; fenomenos sociaes não os combate nem os exalta; na sua função e possivel adaptação tem de com eles entrar em convívio, levando-lhes, pelo individuo, influções e deles tambem recebendo-as sem que perigue a sua essência divina, eterna, imutavel.

Na harmonia de poderes, por mais distintos e independentes que os julguem e os queiram, está a suprema felicidade dos povos.

Separa-los radicalmente, é um grande mal, direi mesmo um impossivel; confundi-los em demasia peor ainda tem sido e será. Contra o poder civil não se pode levantar a Igreja; sem ele ou mesmo com ele inimigo, sempre a Igreja ha de vi-



ver. A perseguição importa-lhe pouco, quero dizer, interessa-lhe muito porque sempre foi para ela um bom crisol e a melhor propaganda.

Implantada a república em Portugal no memorável 5 de outubro de 1910, desde logo se acentuou um movimento de laicalismo nos homens de novo regime, repostada talvez ao movimento político que homens da religião procuravam desenhar na nossa vida nacional. Dos sucessos e abusos que tenha havido não culpo a Igreja ou a república, mas sim homens nem sempre escravos dos princípios e até por vezes seus tiranos.

Igreja e república, bem compreendidas e analisadas, devem abraçar-se como irmãos, porque são frutos da mesma árvore, correntes saídas d'um só manancial, irradiações de aquelle Sol que nasceu para todos.

Nos últimos momentos da monarquia marcada e descrita era já a corrente irreligiosa que a república aproveitou, desenvolveu e alastrou.

O partido nacionalista que os seus filiados com respeitável opinião julgavam necessário aos interesses da Religião e da Pátria; a ação d'alguns órgãos da imprensa cathólica que pareciam, no asserto de muitos, querer associar em demasia a causa da Igreja aos destinos da monarquia, usando com frequência, na opinião de bons críticos, de linguagem e processos condenados pela Santa Sé, pouco consentâneos ao verdadeira espirito christão, e procurando intransigentemente, embora com justificação aceitavel, mais combater com altivez que moderar com prudência e chamar com suavidade os arautos do ideal republicano; a ação do clero regular que talvez em excesso e com perigos para a sua própria existência muito á vontade agia em terreno pouco propício a causas eternas e divinas, como bem o podia testemunhar o saúdoso Arcebispo; a indisciplina, o desprestígio, a deficiente preparação profissional do clero secular, amodorrado em lamentavel quietismo, adormecido em enervante indiferença; a ação dissolvente dum planeado internacionalismo destinado a combater a causa da Igreja, o qual bem se ia aclimando em Portugal e por sobre tudo isto uma concordata muito esfarrapada e ainda mais de-



ficiente,—foram os pretextos tomados pelos últimos homens da monarquia para crear uma corrente irreligiosa que maior amplitude teria se deposto não fosse o velho regime.

Se a luta pois entre os dois poderes era inevitavel, inevitavel era tambem, quer dum quer doutro, a prática d'atos tendentes a mostrar apregoadas e litigiosas supremacias. Quando a tal e tanto se chega, os povos de grande senso moral adotam como sistema a marcha vagorosa, de passo firme e calculado; outros rolam na vertigem e quasi num só lance buscam alcançar o que em lustros muito te.n custado a outros conseguir. O que tenha de arriscado este último processo, bem se pode aquilatar pelo insólito da sua prática e pela contingência dos seus resultados, visto que jogar armas contra consciencias pode quando muito levar os inimigos delas á categoria de... D. Quixote.

A república aboliu leis de carater religioso, outras decretou de hostilidade manifesta ou oculta á crença, extinguiu instituições cathólicas de gloriosas tradições, como a Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra coarctou liberdades e aboliu privilégios...

Sem illusões e escudado nos exemplos da história e até cá de casa, para não mais falar do nosso modo de ser, era inevitavel uma tal conclusão, visto que estabelecidas se encontravam premissas que só a ela levariam pois que ao desnorreamento de adversários não correspondia a disciplina dos paladinos. E se o nosso dissentimento a tal obra é completo, no modo e tempo da sua realização até a discordancia dos homens nela empenhados é bem manifesto. Os homens da Igreja, o seu Episcopado formulou em pastoral coletiva um protesto contra a orientação da república em matéria religiosa. Era tambem natural para lhe não chamar necessário. Ninguem dá de mão beijada o que seu considera e indispensavel julga, sem um clamor de justiça contra quem o esbulha e um grito de saüdade pelo de que se é esbulhado. O governo da república levantou-se ameaçador contra, como ele chamava, a rebeldia dos bispos; a pastoral coletiva não circulou e o Episcopado retraiu-se.

Era prudente, medroso não. Se Pio IX de saüdosa me-

mória chegou a encontrar no Episcopado português censuravel tibieza e comodismo, não lhe quadravam agora em verdade taes epítetos. Em seu ato não houve apostazia da Fé ou quebra da disciplina; mas apenas uma attitude inesperada e talvez imprevista, bem justificavel em um periodo classificado de revolucionário.

Cedo, embora muito bem falou o Episcopado, dizem uns; tarde ele falou, afirmam outros; que Roma fallasse primeiro, queriam`muitos; eu direi...

Mas senhores, eu não posso nem devo discutir actos de superiores hierarquicos; na disciplina da Igreja o súbdito por indigno que seja, obedece e não discute, ouve e cumpre.

Nisto está a maior força dela e a melhor razão da sua imperecivel vitalidade. A história demais, ainda é muda e a crítica jaz inerte porque as paixões ainda tumultuam.

O Sr. D. Manuel B. da Cunha foi até onde chegaram os seus colegas e ficou onde eles paráram. Nem mais nem menos. Se bem, se mal que o diga Roma e tudo acabou para nós: *Roma locuta est, causa finita est.*

Assás prolongado não foi o silêncio do Episcopado português causado pela attitude enérgica do poder civil.

As dôres mais agravadas e os perigos cada vez mais ameaçadores, forçaram-n'o a novas exhortações e ensinamentos.

Promulgada ditatorialmente a lei chamada da Separação do Estado das igrejas que o Soberano Pontifice apreciou e julgou com o seu infalivel critério, cada bispo no exercício do seu munus pastoral, disse por escrito o conceito em que a Igreja tinha as associações cultuaes organizadas segundo tal lei e qual devia ser o procedimento do clero e fieis em face delas, recordando-se apenas disposições já anteriormente estatuidas pela Sé Apostólica, e já postas em prática para caso identico.

Em rebeldia mais outra vez encontrou os bispos, o poder civil e relegados como reus dum delito ainda não julgado, ao poder judicial, foram logo pelo poder executivo privados de temporalidades que já haviam pública e solenemente

regeitado e condenados ao desterro em que ainda se encontram.

O sr. Arcebispo Primáz já recebeu da justiça e misericórdia divinas indulto do seu desterro neste vale de lágrimas para ir colher o prémio devido a quem nas tribulações sempre usou de muita paciência christã e na adversidade se mostrou solidário até ao sacrificio.

Doente e mui alquebrado era já o Sr. Arcebispo, como de todos é bem notório, no momento em que o feriu a pena do desterro, o que mais avoluma, destaca e engrandece o valor do seu proceder; e aquelas lágrimas copiosas e sentidas que derramou no apartamento da sua querida Braga eram afinal de contas triste prenúncio de que não mais a veria e que o exul que deambulava para o desterro por entre as mais significativas e eloquentes homenagens, bem cedo seria um destroço arrastado para a voragem da morte e um espírito acolhido no seio amoroso de Deus.

A magnanimidade d'alguem que só louvores merece, o dadivou com principesca residência; a risonha e formosa princesa do Ave primava em dispensar-lhe a mais carinhosa e bisarra hospitalidade; mas a tristeza não cessava de invadi-lo cada vez mais, a saúde cavava fundas regoeiras em seu coração e um grande desalento ia esmagando aquela musculatura tão calejada nos trabalhos e já bem provada nos sofrimentos do seu apostolado.

Não via os píncaros majestosos do Bom Jesus e do Sameiro, baluartes e atalaias da Roma Portuguesa e aos quaes desde a meninice do seu Pontificado se acolheu confiante e nunca deixou de invocar com súplice fervor;

apartado era da Cathedral que de seus vetustos mureamentos e artísticos ornatos ressumbrava o piedoso misticismo, a santa compostura e a deslumbradora imponência com que celebrava os seus pontificaes;

ermo lhe surgia o Paço que mimoso alfombro foi das mais christãs virtudes e dos mais incendidos fervores religiosos;

separado estava do seu querido Seminário, a luz e a



esperança da sua vida episcopal e também a maior tortura dos seus derradeiros e bem acidentados dias;

gastos uns e espedaçados outros lhe iam parecendo os bronzeos elos que o prendiam á sua querida arquidiocese...

Deus lhe ia provando bem a paciência á semelhança do santo heroi dela, o inimigo lhe assestava raivado catapultas contra as virtudes, sem que aquella lhe faltasse ou nestas esmorecesse.

A cruz peitoral não dava já o brilho fulgurante dos meaes preciosos porque ia tomando as mais perfeitas parecenças com a que serviu de patíbulo ao Redentor; a mitra preciosa surgia-lhe aljofrada de sanguíneos rubis, porque dentro era recamada de acerados espinhos; o báculo pezava-lhe em demasia e na sua graciosa voluta divisava liliáceos fenecimentos; a paramentaria pontificia dava-lhe a impressão de ser antes mortalha talhada para o invólucro dum justo que indumentária feita para as pompas da liturgia...

O Sr. Arcebispo andava assaz familiarizado com a morte que em divina conformidade mais desejada ser parecia que a própria vida.

E no momento em que o bom povo christão, e todo ele é, da minha querida Paredes de Coura era apostado para o receber com primorosos e filiaes carinhos e antes que o templo do Espirito Santo o gasalhasse sob a sua majestosa abóbada, quis Deus leva-lo para o seu reino e alista-lo no número dos seus eleitos.

E lá o tem.

## SENHÔRES

Se perante os símbolos e significados da morte aqui estadeados, expressos ser podem sentimentos de verdadeira vida; se aos que atarefados ainda andam nos trabalhos deste mundo, hoje aqui só reunidos para propiciar a Divindade aos que dele já não são e a Ela já voltaram, é licito dizer palavras que soem como harmonias de paz e concertem como prelúdios duma admiravel concórdia;

se a homenagem rendida a um morto illustre pode ser magnífico pretexto, para nos deveres próprios e peculiares melhor fazer andar os que mui soltos ou arredios se mostram;—

eu direi em súplica de fervente amor e em votos de acrisolado patriotismo.

Príncipes da paz e superiores meus em cuja obediência sempre viveerei, homens públicos a quem estão confiados os destinos da minha patria que nunca hei de trair,!—sacrificae quanto ser possa os vossos litigiosos direitos, sem quebra nos principios nem desvigoramentos no carater; baixae, sem que rastejando andeis, das enfrentadas culminâncias em que poisaes; arrazae, se possivel fôr, o muro da irreductibilidade que entre vós mal erguido foi, e dae a Portugal a almejada era duma tão carecida felicidade, a anciada bonança para um trabalho restaurador, a união indestrutivel dum amor forte em que império não tenha a morte, a caminhada dum largo destino ao povo que grande foi pela religião de Jesus e só grande de novo poderá ser pelo duto infalivel do Evangelho eterno!.

Mitrados illustres do reino moral de Deus e detentores legítimos dos fortes poderes da terra! avança para o tão anciado encontro duma bela sólida e honrosa paz, e num amoroso amplexo de quem não pode dispensar arrimos, e num clamor entusiástico de quem sente avigorateamentos, soltae unisonos a palavra liberdade que não é sudário de misérias repintado, porque é código autêntico em que só se escrevem as glórias da vida christã, que outra não é a vida moderna!.



Não se humilhe Jesus, não rasteje o Cesar; mas que também se não dê a um o que só ao outro pertence. E,—congregadas vontades, disciplinadas energias, pacificadas consciências, e estremados com lízura os campos— a graça de Deus baixando a flux sobre as almas christãs e o amor da pátria aquecendo ao rubro os peitos portugueses, darêmos ao mundo o grandioso espetáculo e o consolador exemplo de que não morre um povo que vive na verdadeira fé, porque a grandeza do seu destino terreno a soube aditar e defender com a força de imortaes princípios e o armamento das eternas verdades.

## MEU DEUS!

Os decretos da vossa inexoravel justiça não apavoram as almas que sempre andaram na obediência e prática dos vossos sublimes mandamentos e a vós subiram no arrojado e seguro vôo das mais christãs e excelsas virtudes.

Foge-lhes a terra deslumbrada pela sua magnificência, o ceo lhes abre seus penetraes em jubilosa acolheita e merecida recompensa.

A alma do bondoso e pranteado Arcebispo para lá subiu e lá deve ter entrada porque era feita de luz, urdida com amor e recamada de graças.

Era um justo.

Que o não desampare porém a vossa infinita misericórdia, porque os justos tambem pecam.

Não oramos apenas pelo seu eterno descanso; não lançamos sómente á posteridade, com estes fúnebres obséquios o pregão das virtudes com que tanto se enriqueceu e o cadinho do sofrimento em que com paciência se immortalizou.

Senhor, Senhor! Ouvi-nos e atendei-nos mais.

Lançaes do alto dos ceos olhares compassivos sobre os fieis orfãos do seu Pae espiritual, sobre a Igreja Bracarense inconsolavel na sua viuvez, sobre este rebanho que lobos rapaces espreitam sanguinários. Dae-lhe um Pae carinhoso e solícito, um Esposo dedicado e santo, um Pastor reto e vigilante.

Que este sacrificio seja não só completa expiação para um mas tambem deferida impetração para outro;

que todos nós enfim, regidos por um bispo feito segundo os ditames do Apóstolo e abrazado no amor do vosso ternissimo Coração, sejamos participantes da eterna glória onde em paz descance o Ex.<sup>mo</sup> Rv.<sup>mo</sup> Sr. D. Manuel Baptista da Cunha.

*Requiescat in pace*

*Amen.*





